

cuidado, pois pode estar fazendo um curso ótimo, mas que não é MBA”, alerta o secretário executivo. Há ainda outros critérios para os quais um candidato deve ter atenção antes de se matricular. O MEC recomenda, por exemplo, que a pós-graduação *lato sensu* tenha uma carga horária mínima de 360 horas — na Anamba, a exigência é de 480 horas.

Para ter um curso aprovado pelo órgão, a instituição precisa ainda apresentar seus critérios de contratação de professores e suas publicações (como livros e artigos), além da proposta para as aulas, padrões que são posteriormente submetidos a uma comissão avaliadora. “Precisamos desenvolver um executivo, e não um técnico, com autonomia de pensamento crítico, capacidade de decisão e análise, e visão global.”

DEMANDA

A necessidade de avaliar a excelência de uma pós-graduação — seja mestrado acadêmico, profissionalizante, doutorado, MBA ou especialização — é decorrente também do crescimento vertiginoso na oferta desses cursos. “A pós cresce na ordem de 8% ao ano, tanto na proposta de cursos novos quanto na aprovação deles, na titulação de mestres e doutores, nas matrículas e na produção científica”, diz o presidente da Capes, Jorge Almeida Guimarães, sobre a área *stricto sensu*. “O crescimento da qualidade e das inovações na ciência nunca foi tão grande quanto nas últimas décadas. A demanda dos estudantes é no seu processo de incorporar conhecimentos novos para se tornar melhores profissionais no seu ramo”, completa, acrescentando que os números de mestres e doutores formados anualmente no Brasil (cerca de 36 mil e de 11 mil, respectivamente) ainda são baixos em relação ao tamanho da população.

Para Dal Colletto, ter um MBA hoje já pode ser considerado um pré-requisito para quem trabalha em cargos gerenciais. “É item obrigatório, quase como o inglês”, compara. “Com o aumento dos empregos no país, a busca por um aperfeiçoamento profissional é concreta. Quem não tem está em desvantagem”, acredita, estimando que o setor tenha uma elevação de 20% a 30% ao ano. De acordo com Guimarães, a demanda por pós-graduações durará por muitos anos. “A graduação é informativa, enquanto a pós é formativa. Os alunos desenvolvem seus próprios projetos e, portanto, estão investindo no currículo. Mesmo em áreas muito técnicas, é ela que dá o ‘finish’ para o jovem”, defende o presidente.

Diante de tantas ofertas de universidades, a dica é fazer uma boa pesquisa, para não tomar decisões precipitadas. “O ideal é buscar referências, saber se há uma certificação válida e com propostas inovadoras, verificar se o corpo docente possui titulação compatível e vivência acadêmica”, afirma Janine Costa, coordenadora acadêmica de uma instituição particular de Brasília. “No caso de MBA e especialização, é importante averiguar se o docente mantém ocupação no mercado de trabalho, pois as disciplinas devem auxiliar na formação do profissional, oferecendo a oportunidade de debater temas atuais e diretamente ligados à prática”, ressalta.

“O candidato deve conversar com o mercado. As próprias empresas têm uma boa noção da qualidade dos alunos de um determinado curso, então é bom pedir a opinião do chefe, do RH e dos colegas de trabalho. Só não se pode escolher uma pós-graduação baseado em propaganda”, alerta o secretário da Anamba. No caso de cursos *stricto sensu*, é possível conferir ainda a lista completa dos reconhecidos pela Capes no site do órgão (www.capes.gov.br).

Capes/Divulgação



“Os cursos que recebem os conceitos mais altos são os que têm inserção internacional bastante nítida, com publicações fora do país, envio de professores e pesquisadores para eventos internacionais e recebimento de alunos estrangeiros”

Jorge Almeida Guimarães,
presidente da Capes

Avaliação rigorosa

Todos os anos, a Capes lança um edital para as instituições que desejam ter cursos inseridos no rol dos recomendados pelo órgão. Para chegar a essa posição, elas precisam submeter suas propostas acadêmicas a análise. A nota 3 é a mínima para conseguir a autorização para começar a oferecer uma pós-graduação. “Quando iniciados, são acompanhados anualmente e reavaliados a cada três anos. Se depois desse tempo o curso tirar uma nota inferior a 3, será vedado para novas inscrições”, explica o presidente, Jorge Almeida Guimarães.

A Capes leva em conta também qual é o destino dos alunos que concluem um mestrado ou doutorado e quais são as produções científicas e tecnológicas deles, de acordo com as características de cada área, no momento da avaliação. São responsáveis por chegar a um parecer final 900 consultores de instituições de todo o país, divididos em 46 comitês, segundo levantamento de 2010. Os cursos recebem, então, a análise de pontos fortes e fracos, tanto para a proposta apresentada quanto para o desenvolvimento dos estudantes e de suas realizações.

Os conceitos vão de 1 a 7, mas cursos que só oferecem mestrado, por exemplo, só podem receber, no máximo, 5, ficando as notas mais altas por conta da existência também de um programa de doutorado de qualidade. Notas abaixo de 3 tiram o curso da lista dos recomendados pela Capes. É ainda importante que o programa apresente professores qualificados e inserção social.